



Grupo constituído por: Eva Santos, Ivo Veiga, Maria-Irene de Lima Martins, Rute Figueiredo

TEMAS:

- 5. PARTILHAR A RESPONSABILIDADE PELA NOSSA MISSÃO COMUM;
- 8. AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO

A partir dos tópicos acima enunciados, o grupo identificou quatro grandes desafios e elenca quatro propostas para este processo sinodal:

1) Pastoral da escuta:

A “pastoral da escuta” parece ser uma dimensão que os sacerdotes e a comunidade devem “exercitar”. O pastor deve aproximar-se, deve “pôr-se a jeito” para traduzir o evangelho. Porém, dentro da comunidade existem outras pessoas particularmente dotadas e disponíveis para a escuta. Uma vez que o acompanhamento deve ser recíproco devemos também estar atentos à solidão dos sacerdotes.

Tem falhado o acompanhamento dos sacerdotes pela diocese, a integração em casas comunitárias e o convívio estreito com os leigos.

2) Corresponsabilidade e coparticipação:

O sacerdote precisa de tempo para a escuta e ser escutado, o que implica mudanças nas práticas das funções sacerdotais. Libertar o sacerdote de algumas tarefas administrativas, desburocratizar, e distribuir tarefas pela comunidade em função da vocação de cada um, poderá ser um caminho a explorar/retomar para dilatar o tempo disponível para a pastoral da escuta, acompanhamento e dom da palavra. Se for desenhada uma matriz e criado um projecto contínuo, recrutando grupos etários com conhecimento e experiência acumulados (reformados, por exemplo), a gestão e desempenho de tarefas pode ser potenciada, feita de uma forma organizada e regulada através da igreja local para o benefício de todos. Para além disso, uma outra ritualidade litúrgica poderá ser testada: um tempo feito em comum, que dê mais presença às pessoas que participam na celebração

no aqui e agora. Nesta procura de novas formas de participação, importa também explorar o tempo do silêncio. Estamos demasiado cercados de ruído e, dentro do espaço da missa, o tempo do silêncio poderá ser dilatado.

3) Formação aberta, plural e contínua:

Parece-nos que a formação será um elemento-chave em todo este processo sinodal – a formação nos seminários, a formação dos leigos, a formação das crianças na catequese. A falta de formação é uma fragilidade transversal que atinge todos os sectores do corpo da Igreja. O seminário não pode fechar-se e transformar-se numa fábrica de operários de sacramentos, deve abrir-se a todos aqueles que querem ser formados, incorporando: seminaristas, auxiliares, irmãs, leigos, etc.; e a dimensão feminina no universo sacerdotal. Isto leva-nos a pensar na necessidade de formação contínua no tempo, ao longo da vida, e alargada a todos com uma linguagem comum. Para mais, o próprio espaço da celebração poderá ser espaço de formação, de exercício de escuta e encontro. Nota-se, para além disso, quer ao nível da catequese quer nas formas de diálogo e meios de comunicação cristã uma certa cultura de infantilização, que passa, entre outros aspectos, pela forma como esses conteúdos são transmitidos textual e visualmente.

4) Comunidades domésticas - “O pastor tem de cheirar a ovelha”

Falta muitas vezes implementar um estágio pastoral que integre leigos e religiosos, em que (recuperando a bela imagem do Papa Francisco) “o pastor tem de cheirar a ovelha”. Talvez seja importante que se verifique a deslocação do templo para o convívio com os leigos, para que o sacerdote possa integrar plenamente as comunidades domésticas, sendo, assim, o “óleo” que põe as engrenagens da igreja em movimento. E que os leigos, por seu turno, criem novos hábitos de participação e acolhimento. Em suma, importa que haja complementaridade das vocações. Outro aspecto a ultrapassar é o anonimato dentro da igreja, que cria falta de integração. Por vezes, os grupos paroquiais estão demasiado compartimentados em tarefas funcionais (catequese; apoio social, etc.), relegando para segundo plano as dimensões da escuta, da “aprendizagem recíproca” e do “crescimento pela alteridade” (citando o Padre António Martins). A promoção de encontros informais para que as pessoas possam conhecer-se e sentirem-se parte integrante do corpo comunitário é uma via importante.

Proposta:

Pela sua **escala, história e cultura plural**, a Capela do Rato poderá, neste processo sinodal, conduzir à estruturação de **pequenos laboratórios**. Mais concretamente:

- 1) a **pastoral da escuta e acompanhamento** poderá seguir novas modalidades, **mais plásticas**, em que todos contribuam para uma experiência mais incarnada;
- 2) desenhar uma **matriz e criar um projecto contínuo**, no qual leigos reformados (por exemplo) possam assumir tarefas de gestão na paróquia, **desburocratizando** assim as funções do sacerdote;
- 3) também nos **seminários** se pode desenvolver esta ideia de **laboratório**, investindo numa **formação aberta, plural e contínua**, e na **participação plena** de toda a comunidade de fé;
- 4) promover a constituição de **comunidades domésticas**, explorando uma vez mais esta ideia laboratorial na Capela do Rato. Podem criar-se encontros entre os grupos em diversos locais, mas também aos Domingos poderiam ser criadas **missas abertas** para esses grupos partilharem as suas experiências e conclusões.